

Apresentação do Dossiê - *Lutas culturais, resistências políticas: o marxismo e as esquerdas na América Latina* - volume 01.

## AS AMBIVALÊNCIAS DO ITINERÁRIO DAS ESQUERDAS LATINO-AMERICANAS

O Brasil e a América Latina repousam sobre vasto território marcado por sucessivos ciclos econômicos, políticos e culturais. No século XVI, quando potências europeias intensificaram seus esforços colonizadores em busca de “novos mundos”, as futuras três Américas viram-se obrigadas a inventar e redefinir constantemente estratégias de luta e resistência. No caso da América Espanhola, os conflitos entre as populações originárias e os representantes das nações estrangeiras, ávidas por riquezas expostas a céu aberto, produziram genocídios humanos quase indescritíveis, bem como uma exploração de recursos naturais raramente identificada na história mundial.

De imensa faixa de terras colonizadas à constituição de nações livres – a partir do tardio século XVIII –, a América Latina se viu organizada como quintal de interesses alheios à sua dificultada autodeterminação. O papel desempenhado pelo latifúndio, pela escravização de mão de obra africana, pela espoliação de povos indígenas e por uma absoluta subsunção às economias das metrópoles (mais tarde, os Estados Unidos, como grande império do século XX, reivindicariam sua liderança *tricontinental* sob a dúvida máxima “*A América para os americanos*”) deixou marcas profundas na sociabilidade latino-americana, tanto na maneira de pensar e fazer política quanto na forma de organizar ideias, propor autonomia econômica e defender sua singularidade/universalidade cultural.

Entre meados do século XIX e o início do século XX, após as lutas de independência, a abolição dos regimes escravocratas e inúmeras insurgências e rebeliões regionais em diferentes pontos de sua extensão, a América Latina conheceu o movimento comunista internacional. No Brasil, por exemplo, como aponta Leandro Konder em *A Derrota da Dialética*, a recepção das ideias de Marx até a década de 1930 foi bastante problemática, muito esquemática, com nenhuma chance de se transformar num projeto político efetivamente emancipatório. Ainda assim, a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) e o advento da Semana de Arte de 1922 arejaram as ideias em circulação no país, colaborando para a efervescência de uma sociedade civil relativamente autônoma e combativa em face do Estado e das instâncias oficiais de poder.

O conceito de esquerda é bem mais amplo do que o de socialismo. A esquerda é herdeira de todas as lutas contra as desigualdades sociais e a concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos privilegiados. Não obstante, é por meio do socialismo que a esquerda brasileira e latino-americana deixou mais importantes contribuições. Dentro e fora das contendas dos partidos comunistas (nas artes, nos movimentos sociais, nas elaborações críticas ao capitalismo e às investidas estrangeiras contra a autonomia de cada nação), artistas e intelectuais de esquerda compuseram um campo de batalha das ideias nas três Américas, reunindo vitórias e derrotas, construindo um duradouro e ainda vigente legado de persistência e utopia.

Por não ser um bloco homogêneo, a esquerda é também um espaço do espectro político-ideológico repleto de cisões, crises e desafetos. A mínima unidade conquistada em momentos passageiros da vida latino-americana talvez explique a sua trajetória de fracassos no que diz respeito a vitórias eleitorais e a atividades revolucionárias. Na seara cultural, contudo, a esquerda e o socialismo, bem como as diversas ideias de inspiração marxista, lograram êxito na formação de uma certa identidade latino-americana.

Seja na literatura ou nas artes plásticas, seja no cinema ou no teatro, valores de solidariedade e lutas por igualdade compõem inúmeros projetos artísticos continente adentro. Mais do que isso: forma e conteúdo – ética e estética, portanto – também bebem nas fontes de referência da esquerda. Pode-se afirmar, sem receio de exagero, que a beleza da cultura e do pensamento social latino-americanos, assim como o bucolismo de suas paisagens urbanas e naturais, devem sua integridade, seu caráter sedutor, aquilo que há de melhor em suas ricas tradições, preservadas como patrimônio humano, à visão de mundo das esquerdas. Nesse sentido, ignorar os itinerários de intelectuais, artistas e até lideranças políticas socialistas ou de esquerda no Brasil e na América Latina é consentir que se apaguem capítulos decisivos da história viva dos povos que aqui têm enraizado todo seu patrimônio corpóreo e espiritual.

No presente, nesse umbral sombrio do século XXI, para além de sua ancestral desunião, as esquerdas brasileiras e latino-americanas se defrontam com inimigos de viés autoritário, conduzidos ao poder num momento em que a democracia está sob risco e posta em suspeição. Escorados num ultraliberalismo que rechaça o público e propõe “privatizar tudo”, largando ao *deus-dará* a maioria das populações de todas as nações dos três continentes americanos, os arautos da “nova direita” querem moralizar o comportamento individual, perseguir o que consideram perversão e, ao mesmo tempo,

liberar o que puder para o mercado, elevado, desde o fim dos anos 1970, entre idas e vindas, à condição de *deus-mor* da contemporaneidade.

Não é retórica, portanto, a expressão “neoliberalismo autoritário”. É no cruzamento entre políticas de destruição de instituições e valores democráticos – conquistados nas lutas históricas da esquerda e com apoio de artistas e intelectuais que não titubearam na defesa da liberdade – e abertura irrestrita das economias nacionais ao jogo das corporações estrangeiras, fato que representa a ruína da soberania nacional e da autonomia dos povos, que se dá, hoje, o grande desafio dos socialistas e das esquerdas latino-americanas.

Este dossiê sobre *Lutas culturais, resistências políticas: o marxismo e as esquerdas na América Latina* tem o intuito de fomentar análises acerca de personagens que desafiaram os obstáculos históricos dos contextos em que viveram, escreveram, lutaram em prol de uma sociedade menos injusta e desigual. Nesses termos, não só perfis individuais, mas elaborações teóricas coletivas, mobilizações políticas, reflexões sobre conceitos e categorias, tudo isso é muitíssimo bem-vindo para compor o debate necessários sobre os possíveis e desejados rumos das esquerdas no “novo mundo”.

A *Despierta* traz, neste primeiro volume, as seguintes colaborações:

**Anderson Deo** busca as raízes do capitalismo brasileiro, desnudando seu caráter autocrático e periférico, valendo-se, para tanto, das interpretações da realidade nacional e conjuntural feitas por Caio Prado Jr. e Florestan Fernandes, entre outros autores contemporâneos das ciências sociais.

**Thiago Castro** recupera a trajetória de Otto Maria Carpeaux nos momentos seguintes ao Golpe Civil-Militar de 1964, intuindo esboçar uma crítica sobre palavras-chaves da época, como democracia, ditadura, resistência e revolução à luz dos escritos do autor de *O Brasil no Espelho do Mundo* e *A Batalha da América Latina*.

**Walmir Braga Faria** reconstitui a juventude do poeta Ferreira Gullar, em São Luís do Maranhão, para refletir sobre o modo como seus versos enfrentavam a questão da dominação pelas elites e inspiravam lutas e resistências.

**Eduardo Russo Ramos** viaja pela vida e a obra de Nelson Werneck Sodré, a fim de compreender como a obra do grande historiador brasileiro vem sendo interpretada desde a década de 1990; além disso, o artigo busca inserir Sodré no campo de uma brasilidade revolucionária, acreditando na enorme influência que sua obra ainda exerce sobre o pensamento marxista no Brasil.

**Rodrigo Czajka** faz uma discussão da chamada “música engajada” na década de 1960 no Brasil e toma como objeto a obra do então jovem compositor e intérprete, Edu Lobo. A proposta apresentada pelo autor é investigar como uma forma singular de resistência se elabora nas canções de Edu Lobo, logo, ampliando o conceito de resistência para além de sua dimensão estético-política.

Para finalizar, **Dédallo Neves** compara, a partir dos conceitos de cultura dominante e residual em Raymond Williams, as diferentes visões de Renato Ortiz e Marcelo Ridenti acerca da trajetória e do precoce fim da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, uma das sínteses editoriais da esquerda brasileira no campo da cultura revolucionária.

Esperamos que a iniciativa deste dossiê sobre os percursos e percalços das esquerdas brasileiras e latino-americanas alimente o bom debate sobre alternativas ao momento atual de retrocessos civilizatórios em todo o continente e no mundo. Trata-se de uma aposta na capacidade humana de reinventar passos, avaliando o passado e projetando novos futuros, mais plurais e democráticos do que até agora foi possível.

**Rodrigo Czajka**, doutor em Sociologia/UNICAMP e professor do  
Departamento de Sociologia/UFPR.

**Marco Antonio Rossi**, doutorando em Sociologia/UFPR e professor no  
Departamento de Ciências Sociais/UEL.